



**Origens**

2019 | ano 05 | nº 08

Revista-laboratório do curso de Jornalismo  
das Faculdades Integradas Rio Branco

**Você se lembra em quem  
votou na última eleição?  
Perguntamos aos eleitores**

**E se o Brasil ainda fosse  
uma monarquia?  
A revista Origens conversou  
com o Príncipe D. Bertrand**

**Eleições:**

**DÊ O VALOR QUE A  
POLÍTICA DEVE TER**

# APRENDER FAZENDO!

FACULDADES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, DESIGN E AUDIOVISUAL



## **GRADUAÇÃO**

Comunicação Social:  
Rádio e TV  
Editoração  
Jornalismo  
Relações Públicas  
Publicidade e Propaganda

## **GRADUAÇÃO**

Design

## **PÓS-GRADUAÇÃO**

MBA em New Branding Innovation  
MBA em Comunicação Corporativa  
MBA em Gestão de Marketing

## **TECNÓLOGO**

Produção Audiovisual

## **EXTENSÃO EAD**

Jornalismo Esportivo

## **PÓS-GRADUAÇÃO EAD**

MBA em New Branding Innovation  
MBA em Gestão de Marketing

 [www.facebook.com/comunicariobranco](http://www.facebook.com/comunicariobranco)

UNIDADE LAPA - Av. José Maria de Faria, 111, São Paulo - SP

 **RIOBRANCO**

[www.riobrancofac.edu.br](http://www.riobrancofac.edu.br)



Presidente da Fundação  
de Rotarianos de São Paulo  
Nahid Chicani

Chanceler  
Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral  
Profº Dr. Edman Altheman

Diretor Acadêmico  
Profº Dr. Alexandre Uehara

Coordenadora do Curso de Jornalismo  
Profª Dra. Patrícia Rangel

Coordenador dos Cursos de Comunicação  
Social, Editoração e Design  
Profº Me. Paulo Durão

Reportagem, edição e revisão  
Professoras Responsáveis  
Profª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento  
Profa. Ma. Renata Carraro

Projeto Gráfico  
Carolina Izabel da Silva

Estagiária de Design:  
Fernanda Francelino

Foto da capa:  
Banco de Imagem Thinkstock

Revista **Origens** é uma publicação elaborada pelos alunos do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, das **Faculdades Integradas Rio Branco**.

Endereço: Avenida José Maria de Faria, 111  
Lapa, São Paulo - SP, Cep: 05038-190  
Tel. (11) 3879-3100

## Editorial

### Eleições: dê o valor que a Política deve ter

“Não me interesso por política!” Como é triste ouvir essa frase, ainda mais quando ela vem da boca de uma pessoa jovem. Se for dita por um estudante universitário, então, aí a coisa já é trágica! Felizmente, este não é o caso dos alunos da 3ª etapa do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco, responsáveis pelo 8º volume da revista *Origens*. A turma deu um show de comprometimento jornalístico e de cidadania ao desenvolver o tema “Dê o valor que a política deve ter”.

Em relação à parte editorial e gráfica, a publicação é toda pensada e executada pelos futuros jornalistas – sob a orientação interdisciplinar de professores. São eles que decidem as pautas, produzem as entrevistas, redigem os textos, fazem as fotos, como também a diagramação de todo o conteúdo. Ter em mãos a tarefa de fazer a revista-laboratório do curso é sempre uma oportunidade para o estudante sair às ruas e “sujar a sola do sapato”, ou seja, como se diz no jargão dessa categoria profissional, buscar informação de atualidade e de interesse público.

Neste número, entrando no ritmo das eleições, a reportagem especial vai às ruas e pergunta: você se lembra em quem votou na última eleição? O objetivo principal da matéria é salientar a importância de se escolher bons candidatos não só para o Poder Executivo, mas também deputados e senadores – uma vez que eles farão as nossas leis. Você, leitor, ainda vai saber se políticos apontam uma maneira de melhorar nosso transporte público e nossas rodovias.

No quesito educação bate-se na tecla de que é preciso investir no professor, enquanto na saúde se levanta uma importante questão: é preciso rever os conceitos de saúde privada e pública? A chamada “bancada da fé” é tema da editoria Religião, enquanto o Perfil traz a história de Leandro Silva, um jovem político. E se o Brasil ainda fosse uma monarquia? A revista *Origens* conversou com aquele que seria nosso príncipe, Dom Bertrand, trineto de Dom Pedro II.

Dados do IBGE mostram que os idosos já representam 18,6% do eleitorado brasileiro, ou 27,3 milhões de votos, enquanto os jovens, de 16 a 24 anos, somam cinco milhões a menos: são 22,4 milhões ou 15,3% dos aptos a votar em outubro. Essa diferença é capaz de definir uma eleição. Pegando esse gancho, a matéria intitulada “O idoso vai às urnas” trata do exercício de cidadania desta fatia da população que se torna cada vez mais significativa e atuante: a terceira idade.

E a roupa que o candidato usa, diz alguma coisa sobre ele? Refratária a mudanças de estilo, esse ano até Marina Silva, da Rede, passou a contar com a ajuda de uma consultora de imagem e moda para ajudá-la na escolha de roupas para a campanha. Leia sobre o assunto em Comportamento, e depois vá para Tecnologia. Quem diria: os memes também são expressão política. Ou não?

Fechando a edição esses jovens aprendizes de feiticeiro mostram a cara em “Quem somos” e ainda contam como foi a experiência de fazer a revista em “Como fizemos”. Dê uma espiadinha, tenho certeza de que não vão conseguir parar de ler!

Renata Carraro

# Sumário



**6** **TRANSPORTES**  
Melhorar o transporte público e nossas rodovias. Tem jeito?

**10** **EDUCAÇÃO**  
É preciso investir no professor!

**12** **SAÚDE**  
Vamos rever os conceitos de saúde privada e pública.

**14** **RELIGIÃO**  
A bancada da fé

**16** **PERFIL**  
Leandro Silva: um jovem na política

**18** **ENTREVISTA**  
Guilherme Prado: Apenas 19 anos e com vontade de fazer a diferença

**19** **TERCEIRA IDADE**  
Exercício de cidadania: o idoso vai às urnas

**21** **ESPECIAL**  
Você se lembra em quem votou nas últimas eleições?

**27** **COMPORTEAMENTO**  
O que a roupa de um candidato diz sobre ele?

**29** **TECNOLOGIA**  
"Memes" também são expressões política? Ou não?

**32** **CULTURA**  
Entenda o dia a dia do Ministério da Cultura

**38** **SISTEMA DE GOVERNO**  
Monarquia: entrevista com Dom Bertrand D'Orléans e Bragança

**42** **BASTIDORES**  
Os desafios e as histórias de bastidores da revista



# CARGA PESADA

## A dependência brasileira de um sistema logístico ineficiente; de terminais saturados, rodovias esburacadas e ferrovias saturadas

**O** Brasil não é um caso qualquer. É o quinto maior território do mundo, com mais de 8 milhões de quilômetros quadrados; e segundo o IBGE, já somos mais de 207 milhões de pessoas. É muita gente que demanda movimento, mobilidade e integração. Por isso, o transporte é facilmente o estopim de grandes manifestações pelo país.

Os governos, em suas políticas de integração nacional, sempre contemplaram um modal como matriz de transportes. É possível perceber este comportamento quando são comparados períodos da formação econômica do

país. Até metade do século XX, ferrovias predominavam na logística brasileira. Porém, a partir da descoberta de petróleo nacional pelo governo Vargas, o modelo rodoviário tornou-se referência nas decisões políticas. Afinal, havia uma fonte energética a ser consumida.

Os planos de modernização do governo de Juscelino Kubitschek priorizaram o automóvel e assim este modal ganhou notoriedade por definitivo. Como estratégia de integração nacional, JK contemplou a construção de uma malha rodoviária com base na posição da nova capital. Além disso, permitiu a entrada das montadoras para ace-

O trânsito caótico nas avenidas das grandes cidades.



lerar a industrialização do país, e esse costume vem sendo perpetuado nos governos atuais. Os mais recentes chegaram a reduzir a taxa do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para fomentar mais ainda a economia nacional.

O país se tornou majoritariamente urbano, além de altamente dependente do sistema rodoviário.

Neste sentido, o Brasil possui a primeira posição com a cidade mais congestionada das Américas e o terceiro lugar mundial, representado pelo Rio de Janeiro. Na metrópole de São Paulo, novas posturas e alternativas são discutidas. Para Cláudio Marte, professor da Escola Politécnica - USP, o volume de tráfego nas grandes cidades brasileiras é muito grande, vai de encontro à tendência mundial de remodelar vias, a fim de enfatizar o uso do transporte público, o uso de ciclofaixas e para a criação de um ambiente mais humanizado.

Marte questiona os espaços para carros. Segundo ele, o espaço deve ser para todos os modais. É necessário pensar em fluidez e no respeito com os modos não

**“É necessário pensar em fluidez e no respeito com os modos não motorizados – pedestres, ciclistas e cadeirantes; pensar na fluidez dos motorizados, com destaque ao transporte público, tentando tornar esse meio mais acessível, para que mais pessoas utilizem.”**



Robinson e seu caminhão em viagem ao interior paulista, 2002.

motorizados – pedestres, ciclistas e cadeirantes; pensar na fluidez dos motorizados, com destaque ao transporte público, tentando tornar esse meio mais acessível, para que mais pessoas utilizem.

Quanto ao cenário dos transportes de cargas pelo Brasil, a Confederação Nacional dos Transportes (CNT) afirma que, a cada ano, a matriz brasileira não muda, sendo que 61% do transporte de carga são rodoviários. Uma realidade um tanto preocupante quando são comparados os custos deste modal. Dos quase 2 milhões de quilômetros de rodovias, somente 12,3% deles são pavimentados.

O estado de São Paulo é considerado uma ilha das melhores estradas no país, segundo dados da CNT. Este cenário é resultado das concessões à iniciativa privada. Entretanto, o ex-caminhoneiro Robinson da Silva, 51, comenta que já encontrou estradas não-pavimentadas no interior paulista, além da insegurança quanto a tentativas de assalto. Para ele, o transporte de cargas sobre trilhos seria uma boa alternativa para o Brasil, principalmente, em longas distâncias e grande volume de carga, visto que um caminhão carrega muito menos que um trem.



# A GREVE DOS CAMINHONEIROS

No dia 21 de maio de 2018, caminhoneiros de todo o Brasil entraram em greve devido ao aumento no preço do Diesel. A paralização e os bloqueios resultaram em escassez de alimentos, remédios e outros produtos ao redor do país e, com os bloqueios, o preço dos demais combustíveis disparou por conta da gigantesca procura.

As manifestações foram resultado dos frequentes reajustes e imprevisibilidade nos preços realizados pela Petrobras e pelo Governo Federal. Além disso, solicitavam isenção de cobrança de pedágio para veículos de eixo

suspensão e pelo fim da incidência de PIS/Cofins sobre o preço do diesel.

A greve durou 11 dias e atingiu todos os níveis da sociedade. O Presidente da República, Michel Temer, chegou, inclusive, a convocar as Forças Armadas para realizar a desobstrução das estradas no país, através, segundo ele, da Garantia da Lei e da Ordem, a fim de reorganizar a questão do abastecimento de combustíveis, alimentos e diversos produtos.

Essa manifestação serviu, entre outras coisas, para uma vez mais mostrar que o Brasil ainda é muito dependente do transporte rodoviário de cargas.



# O BRASIL EDUCA JOVENS CAPAZES DE IMPACTAR A POLÍTICA?

**Jovens de 16 a 24 anos representam 15,6% do eleitorado segundo dados do TSE**

Qualidade e eficiência da educação brasileira vêm sendo alguns dos temas sociais mais pautados nos últimos anos no país. Em um ano eleitoral, a previsão é de presença maior ainda da palavra 'educação' nas conversas cotidianas ou em discursos políticos.

Para fazer render esse debate, existe um nível consideravelmente alto de concordância com a afirmação de que o ensino é um dos mais fortes instrumentos de transformação, seja ela política ou social.

O quadro atual é questionado e criticado quanto à sua capacidade

de desenvolver raciocínio crítico nos jovens, fortemente associado às principais revoluções e transformações já vividas na história. Uma das mudanças sugeridas, a reforma do ensino médio, também não foi poupada de críticas pela transformação de matérias críticas, como história, filosofia e sociologia, em optativas.

No processo educacional de um jovem, inúmeras partes estão envolvidas. Indo além, mas ainda um pouco antes do resultado final, é possível explorar profundamente o universo de algumas dessas partes.



Foto: istockphoto.com

Foto: istockphoto.com



## Na pele do professor

A vida de um professor acaba se alinhando de alguma forma às condições da educação no país, seja por coisas boas ou por coisas ruins.

A professora de sociologia da rede pública de ensino, Renata Hummel, 43, comenta algumas de suas experiências ao longo de sua carreira de docente:

“Já passei por diretora querendo assistir minha aula e tentar reprimir fala de aluno, sem sucesso, felizmente. Já teve aluno bêbado ou drogado, que é sempre triste de ver.”

Ao levar novidades ou propostas às aulas, a professora encontra reações diversas:

“É uma montanha russa”, diz, “uma hora acontecem coisas, como um aluno(a) que faz vários questionamentos, traz sugestões de filmes, conta alguma experiência, participa da aula com empolgação, que deixam a gente cheio de esperança. Outras vezes você fez a maior preparação de aula e na hora um monte de gente de costas”.

O estudante da rede estadual de ensino, Gabriel Lucena, 17, con-

ta como seria o convívio ideal entre alunos e professores para construir um ambiente de debate e desenvolvimento de raciocínio crítico em sala de aula:

“O professor deve entender a necessidade de cada turma. Professores têm jornada exaustiva, cuidam de muitas turmas para conseguir ter um salário digno, o que interfere e deixa essas soluções mais difíceis. E os alunos têm que participar e dar o devido retorno pro professor sobre como está o método de ensino.”



## Padrões e futuro

Como em qualquer empresa ou instituição, para dar aula também existem normas, abrangendo elas desde a didática adotada à padronização da sala de aula. “O formato da aula quase sempre é alvo de verificação, pressão e intimidação. Aulas fora da sala, por exemplo, são sempre criticadas pela gestão ou colegas, e classificadas como não-aulas. A aula seria apenas aquela de giz, lousa e expositiva”, comenta Renata.

O eleitorado jovem esperado para 2018, recém-detentores do direito ao voto ou recém-votantes obrigatórios, passaram por sistemas

de ensino nos mesmos moldes, apesar de poderem divergir entre ensino recebido na rede pública de ensino e ensino na rede particular. Há muito tempo não são feitas reformas significativas na educação.

Problemas estruturais e administrativos levam a culpa pelas defasagens no sistema educacional brasileiro. Considerando ou não esses problemas, os 15,6% do eleitorado total vão construir um futuro próximo, inclusive para a educação, e um mais além ainda pelas próximas gerações através do voto e das bases educacionais. Independente do nível de preparo que receberam.





# O VALOR DA SAÚDE

O sistema de saúde no Brasil apresenta enormes problemas, tanto no setor público quanto no setor privado, o paciente não recebe um atendimento digno pela falta de recursos. Mas, o problema se estende desde a falta de estrutura em hospitais e postos de saúde até um planejamento mal executado.

O Sistema Único de Saúde, O SUS, foi instituído ainda na constituição de 1988 e tinha como prerrogativas a qualidade, a equidade e a integralidade da assistência à saúde de todos os brasileiros, porém, já faz muito tempo que o brasileiro faz uso do plano de saúde como alternativa diante de uma saúde pública que não satisfaz às suas necessidades.

A saúde pública surgiu no Brasil na década de 60 quando as indústrias multinacionais perceberam a precariedade do sistema público e assim buscaram outras

maneiras de prestar um atendimento médico mais qualificado para seus contribuintes.

Desde a década de 60, o sistema público vem decaindo, enquanto o sistema privado cresceu. Cerca de 70 % dos médicos brasileiros pertencem ao sistema privado e até meados do século XX, os melhores hospitais eram públicos, atualmente isso mudou completamente. Apesar do crescimento do setor privado, nem tudo é perfeito. O sistema funciona com diversos planos de saúde que variam de acordo com a qualidade do atendimento. A maioria da população não consegue pagar os planos mais caros e nem sempre recebem o atendimento necessário.

O setor público não funciona perfeitamente e carece de falta de recursos, já o sistema privado recebe verba do governo e privilegia os pacientes mais remu-

nerados. Afinal é preciso rever os conceitos de saúde privada e pública?

O médico de 25 anos, Lucas Bigai tem possui uma opinião bem forte sobre isso: “A saúde privada já tem sua engrenagem consolidada, porque tem estímulos comerciais. No setor público, falta não só verba, mas uma gestão com gente capacitada. Não adianta colocar qualquer pessoa em cargos de ministério. Há muitas pessoas habilitadas e altamente graduadas em saúde pública no Brasil, porém, estão longe de serem eleitos pra tais funções. O SUS é mais um dos diversos meios públicos que não cresceram proporcionalmente à população”.

A verba dirigida ao sistema público também foi assunto e dados apontam que, em São Paulo, o dinheiro para a saúde foi congelado, em torno de 2.6 bilhões de reais, deixando a população a mercê de um sistema de saúde fraco em diversos aspectos e Lucas se manifestou da seguinte maneira sobre o assunto: “Muitas vezes é deficitário sim. A realidade da Capital não tem grandes falhas, porém em cidades menores é muito comum falta de suprimentos, medicações,

pagamento de funcionários entre outros.” Em contrapartida, o experiente clínico Paulo do Amaral Arantes de 67 anos atualmente a rede privada está com grande parte dos suportes, enquanto a pública não socorre uma grande parte da população, deixando completamente a desejar. Uma solução que poderia ser abordada com um viés mais esperançoso para a população seria a unificação dos sistemas, e o jovem enfermeiro se posiciona de forma contundente a respeito: “No meu ver, submeter um sistema universal que garante acesso à pessoas sem distinção de classe, sexo, gênero ou condição social à um viés comercial é algo incerto. Seria aceitável somente se o povo não tivesse que pagar nada a mais por isso.”

O ponto é que ambas as áreas da saúde estão precárias, o paralelo que deve ser feito entre elas sempre chegará a um só resultado que nos diz muito como anda a preocupação dos governantes para com um dos principais alicerces desta nação que está à deriva de pessoas que entram na política apenas para aumentar os patrimônios e viram as costas para quem mais precisa.



Foto: brasil247.com



# ESQUERDA OU DIREITA, EM QUAL LADO DA IGREJA EU ME SENTO?

**Decisões em âmbito nacional sendo tomadas com base na fé**

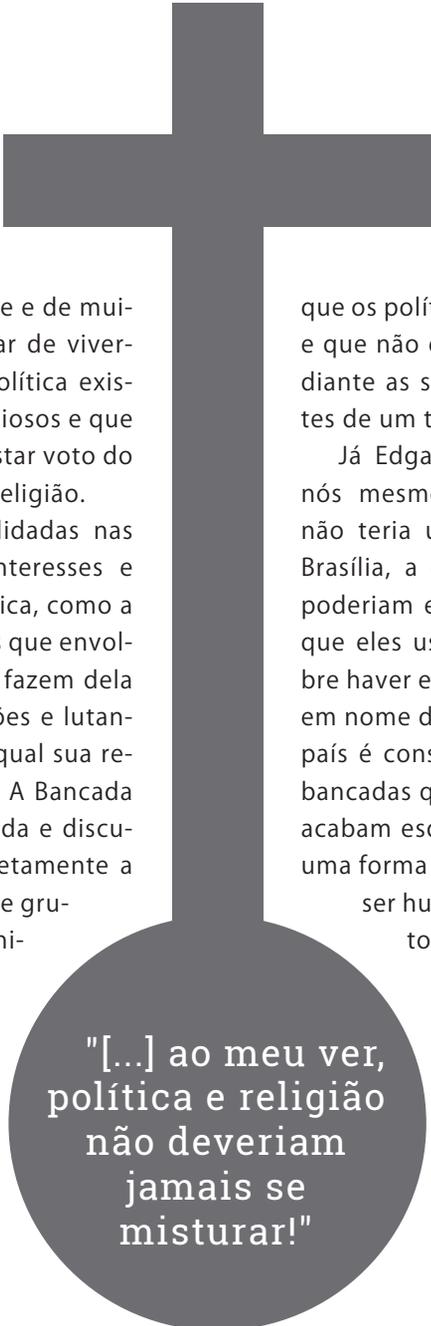
**A** religião é um fator importante e de muita influência no Brasil. Apesar de vivermos em um país laico, na política existem muitos candidatos que são religiosos e que utilizam de sua religião para conquistar voto do povo que simpatiza ou exerce uma religião.

As bancadas, desde que consolidadas nas câmaras, vêm defendendo seus interesses e princípios. Tanto a Bancada Evangélica, como a Bancada Católica, Bala e Bíblia são as que envolvem sua religião no meio político e fazem dela seu merchandising, tomando decisões e lutando por conceitos que cada nicho a qual sua religiosidade pertence possa se valer. A Bancada Evangélica se tornou a mais apontada e discutida, por suas lutas que afetam diretamente a vida e princípios pessoais de classes e grupos, tendo como exemplo a comunidade LGBT, que sofre muitos bombardeios dessa bancada. Segundo Meire Jaqueline Macedo de Oliveira, 43, espírita, "Essas pessoas estão fazendo da política uma extensão das suas igreja, ao meu ver, política e religião não deveriam jamais se misturar! Essa fórmula não dá certo", tendo por base

que os políticos são formadores de opiniões e que não devem colocar suas crenças mediante as suas atitudes como representantes de um todo.

Já Edgar Batista Neto, 41, diz que "Se nós mesmos entendêssemos de política, não teria uma bancada evangélica lá em Brasília, a coisa seria diferente, eles nem poderiam estar usando esse pseudo nome que eles usam", contesta em oposição sobre haver esse conjunto de pessoas lutando em nome de uma religião, sendo que nosso país é considerado laico. "Por terem essas bancadas que eles formam lá em cima, eles acabam esquecendo que cada religião tem uma forma de ver a vida, de interagir com o ser humano. A lei tem que ser igual pra todos, por isso a estátua da justiça, ela vem com uma venda nos olhos e uma balança na mão" completando seu pensamento.

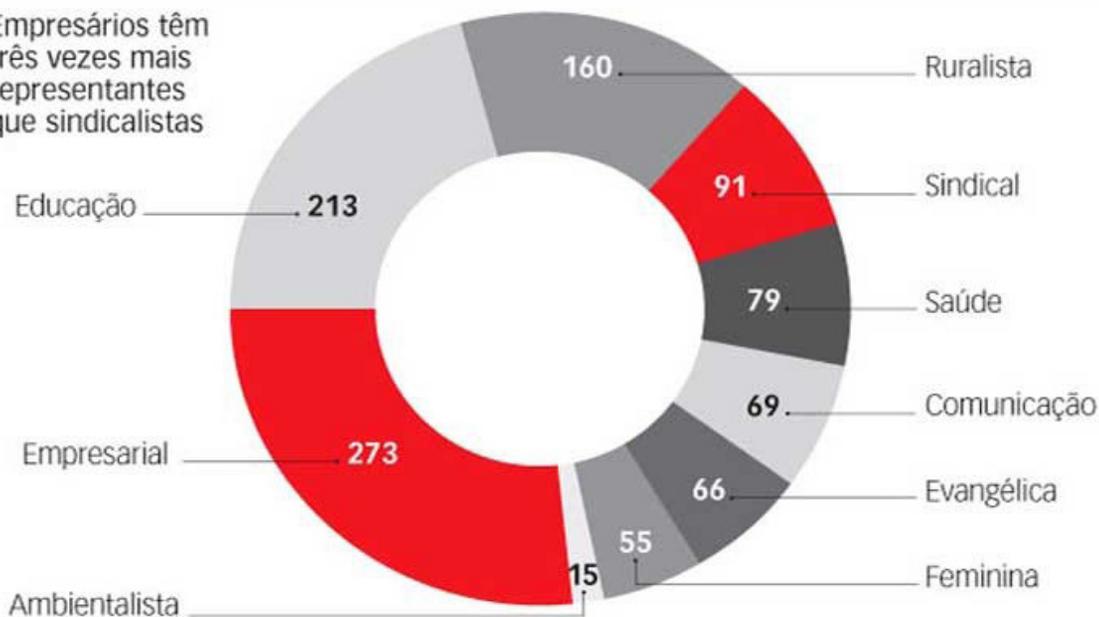
Ao salutar o conceito de laicidade em âmbito nacional, vê-se os próprios parlamentaristas anulando esse sentido com instaurações de re-



"[...] ao meu ver,  
política e religião  
não deveriam  
jamais se  
misturar!"

## O Congresso por representação

Empresários têm três vezes mais representantes que sindicalistas



Fonte: Diap

apresentações unilaterais e monovalentes, tratando apenas de uma religião e deixando de escanteio as demais. Neto incita: “O país Brasil pode ter uma religião máxima dependendo do volume de pessoas que respondem as pesquisas do IBGE – que, diga-se de passagem, não são respondidas há muito tempo, desde 1996 – que para mim, caiu no desuso. O estado Brasil é uma pessoa jurídica. A pessoa jurídica entendendo de leis e coisas do gênero, a pessoa jurídica não pode ter partido, religião, coisas de exclusivismo. O estado Brasil pertence a todos, a república federativa do Brasil pertence a todos, então não pode ter uma religião.”

Já Marcelo, padre de 42 anos, afirma: “a religião é importante pro povo na hora de escolher um político porque nos trás uma certa empatia com o governante. Uma sensação de representatividade. Afinal, ainda há muita gente que acredita que quem vai na igreja, quem prega, quem faz orações, não rouba, não faz nada de errado. Mas não é bem assim. Acho que se alguém quiser votar em um político por causa da religião, esse não deve ser o fator mais importante.”



# “É necessário despertar a esperança”



Foto: Acervo Pessoal

Leandro Silva, 36 anos, Jornalista.

Leandro Silva, 36 anos, jornalista formado nas Faculdades Integradas Rio Branco foi candidato nas últimas eleições estaduais, pelo Partido Verde e contou à Revista Origens alguns fatores que influenciaram a sua candidatura e o que acha do momento político atual do Brasil.

Revista Origens: O que você julga ser ideal para termos uma política justa para todas as classes?

Leandro Silva: Só com a participação da sociedade. Além do voto é necessário acompanhar o parlamentar, cobrar, orientar, fazê-lo perceber que é um representante do povo e não ao contrário, pois tem políticos que parecem se autor representar.

RO: O que o motivou a entrar para a política?

L. Silva: Não foi algo programado, mas natural. Se me perguntasse aos 15 ou 20 anos se pensava nisso diria

# Assistência social visando um futuro grandioso

que não. Tudo começa com a vivência na comunidade da Brasilândia, passando por uma experiência de participação de grupos de jovens da Igreja Católica, onde pude conhecer a Pastoral da Juventude. A partir disso, passei acompanhar a vida de muitos jovens e suas dificuldades. Como articulava encaminhamentos com o poder público local pude conhecer e candidatar ao Conselho Tutelar, sendo eleito em 2007, depois ao Participativo em 2012, também eleito, e vereador em 2016, ficando na suplência.

RO: Há quem você atribui sua vontade de querer entrar no mundo da política?

L. Silva: Ao incentivo da minha comunidade e amigos da paróquia Santa Cruz de Itaberaba, na região episcopal Brasilândia.

RO: Você acha que sua vontade para mudar as coisas pode ser um fator preponderante para que possa despertar a atenção das pessoas para votar em você?

L. Silva: Mais do que a vontade é o histórico de vida, o que já tem feito e minha disposição se fazer mais. Atualmente articulo reuniões da comunidade com o poder público municipal e estadual, tendo alguns resultados. Infelizmente não é possível ganhar todas, mas é possível lutar sempre.

RO: Em sua opinião, que tipo de mudança precisa ser feito para que a política seja vista com outros olhos pela população?

L. Silva: É necessário despertar a esperança. A política é o caminho para uma sociedade justa e fraterna. A sociedade deve ser protagonista é o agente político apenas um auxiliar desta sociedade.

RO: As redes sociais são uma evolução na forma de fazer campanha política? O quão importante ela é para atrair potenciais eleitores?

L. Silva: Sem as redes sociais eu não teria sido candidato. Em dinheiro eu gastei R\$ 2.400 aproximadamente, sem considerar as doações de mão de obra, préstimos de carro e outros recursos não financeiros, que se somados dariam menos de R\$ 20 mil. A internet

é importante para divulgar suas propostas, trabalhos e ações, mas infelizmente foi contaminada pelas fake news, mas ainda sim é de grande importância para o debate político. Te aproxima da sociedade e traz rapidamente diagnóstico que pode lhe auxiliar na formulação de políticas públicas.

RO: Hoje no cenário político, há algumas leis que favorecem a classe política. Na sua opinião, isso pode ser um indício de que os políticos estão trabalhando mais para si do que para quem os elegeu?

L. Silva: Há um ditado que diz: Se você não gosta de política corre o risco de ser governado por quem gosta. Essa frase deixa claro que qdo a sociedade não acompanha a política as distorções são terríveis. Então com a sociedade vigilante isso deixar de acontecer.

Guilherme de Prado está à frente da “Associação Veredas”, uma associação não governamental que prepara as crianças carentes de toda a grande São Paulo para a vida.

Servindo como uma escola para a vida, esta ONG, dá oportunidade de sonhar com coisas grandes para os pequenos. Por ter feito parte dela quando menor, Guilherme de Prado sabe muito bem da importância da Associação na vida das crianças e deixa claro que faz o possível e o impossível para arrecadar recursos para manter a Veredas.

Mas nem só de matemática e português que os frequentadores da Associação vivem, além disso, disponibilizam aulas de artes marciais, artes visuais, passeios e tudo que possa servir de aprendizado para que as crianças cresçam não só de tamanho, mas como pessoas que enxerguem o mundo como lugar de respeito às diferenças e ao próximo. Solidariedade e oportunidade são as palavras que podem definir a Associação Veredas.

Para o futuro, Guilherme espera que não só a Veredas, mas todas as associações possam ter suas atividades divulgadas para poder ajudar mais pessoas e, conseguir trazer mais doações e visibilidade para poder ajudar ainda mais as pessoas que necessitam delas.

## “Oportunidade de fazer a diferença”

**G**uilherme de Prado Souza é um jovem de 21 anos trabalha como sindicalista na Sintracom-SP, se candidatou pela primeira vez no cargo de vereador aos 19 anos nas eleições de 2014 na cidade de Osasco e se tornou o mais jovem candidato da cidade da Grande São Paulo. Sonha em se tornar vereador para fazer e fortalecer trabalhos sociais em comunidades e dar a oportunidade para crianças que ele outrora vivera quando mais novo. O sindicalista realiza seu trabalho com seriedade auxiliando os trabalhadores em situações de greves entre outras funções. Com uma opinião forte e ideais bem definidos, o jovem explica o que o fez entrar neste mundo e o que acha sobre mudanças no parâmetro político nacional.

Revista Origens: O que te motivou a entrar para a política?

Guilherme Prado: O que me motivou a entrar na política foi a oportunidade de fazer a diferença, conforme vamos crescendo vemos o mundo de outro modo e amadurecendo. Sempre fiz um trabalho social, nasci dentro de um trabalho social e vi que as pessoas olhavam para nós e não davam importância para nós e quando chegavam à época de eleições, os políticos vinham a nossa porta oferecer ajuda e eu não queria isso acontecendo novamente.

RO: Por que a afiliação ao PSDB?

G. Prado: Entrei no PSDB por motivo de gratidão ao Dr. Celso Giglio (ex-prefeito de Osasco) por ele ter tido comprometimento com a comunidade onde moro.

RO: Há quem você atribui sua vontade de querer entrar no mundo da política?

G. Prado: Ao Dr. Celso Giglio, pois vi nele a transparência e a sensibilidade para lidar com a cidade, além de ele ter cumprido com sua palavra para com a população.

RO: Em sua opinião, que tipo de mudanças precisa ser feitas para que a política seja vista com outros olhos pela população?

G. Prado: Só acabando com a corrupção, porém a população precisa fazer sua parte no que diz respeito a não ser corrupta também, como quando os políticos oferecerem dinheiro, eles não aceitem. Precisamos também de ideias novas, de jovens, hoje as ideias antigas não atingem mais a população.

RO: As redes sociais são uma evolução na maneira de fazer campanha política? O quanto importante ela é para atrair potenciais eleitores?

G. Prado: Pra mim sim, é muito importante, pois hoje é a única maneira de você mostrar seu trabalho com transparência, é o melhor marketing. É um meio muito bom, mas também temos de olhar direito, pois há pessoas que tomam pra si coisas que não fizeram.

RO: Um momento político que te marcou.

G. Prado: O nosso ex-presidente Lula sendo preso. Mesmo fazendo tudo o que fez se candidato ele seria eleito no primeiro turno. Se um homem como um presidente, ele mais do que qualquer pessoa não pode fazer coisa errada, ele tem que ser limpo. Mesmo fazendo tudo o que fez, ele cometeu falhas e tem que pagar por suas falhas. Isso é um sinal de que a política pode mudar as pessoas que fazem coisas erradas na política vão olhar e ver que não há intocáveis no nosso país.



Guilherme Prado, 21, Sindicalista.

# O IDOSO QUE VAI ÀS URNAS



Aposentado João Lopes.

**Apesar de não ser mais obrigatório a partir dos 70 anos, o voto na terceira idade ainda significa exercício de cidadania para alguns.**

**P**ela legislação, o voto é obrigatório para os cidadãos brasileiros alfabetizados com idades entre 18 e 70 anos. Adolescentes de 16 e 17 anos, analfabetos e maiores de 70 anos têm direito ao voto facultativo.

Apesar de, nesta faixa etária, o voto não ser obrigatório, muitos idosos ainda fazem questão de ir às urnas, por vezes ignorando os problemas de locomoção ou dificuldades de chegar até as zonas eleitorais, com o entendimento de que ainda podem – e devem – permane-

cer contribuindo nas decisões que modificam de forma direta a vida da população.

Para eles, ajudar a escolher o governante que comandará a cidade pelos próximos quatro anos é um direito, e não abrem mão, mesmo tendo essa liberdade determinada pela Justiça Eleitoral.

Os idosos de atualmente têm um perfil sociológico e psicológico totalmente distinto do idoso de 40 anos atrás. Sendo considerados uma parcela ativa na sociedade em que vivem, querem exercer seus direitos e deveres.

É o caso do aposentado João Lopes da Silva, 75 anos, alagoano que vive em São Paulo desde criança com a família.

João conta que a política é tudo na vida da sociedade e considera ter um papel importante nas eleições desde muito cedo, quando começou a exercer o poder de voto. O aposentado revela que, mesmo não sendo obrigado a votar, gosta de participar, reclamar e parabenizar os governantes, pois considera importante esse feedback.

O aposentado revela que, por meio dos jornais e da televisão, procura estudar a história dos candidatos para fazer escolhas da forma mais consciente possível. “Cada voto pode fazer a diferença. Se eu como eleitor deixar de votar, não terei o direito de reclamar depois dessa corrupção absurda que atinge o país. Temos o dever de votar e acreditar que podemos mudar”, considera.

### De olho no futuro

Analisando o futuro de forma otimista, o aposentado julga ser decadente a atual realidade brasileira, mas acredita em uma evolução no sistema político. “Penso também na população mais sofrida. É nosso dever escolher bons candidatos”, pondera.

Nestas eleições, ele relata que vai avaliar a campanha dos candidatos e a demonstração de interesse no poder. “O voto é uma coisa de muito valor, é a decisão do presente, do amanhã, do futuro em nosso país”, completa.



“É importante todo mundo exercer seu direito de voto para que o Brasil melhore. Somos um país que dorme e acorda com a política”.



# VOCÊ SE LEMBRA EM QUEM VOTOU NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES?

O voto é o símbolo maior da democracia dita plena. Ter a noção de direito ao voto permite à população apresentar uma noção do quadro político do seu país. Em uma conclusão bruta, isto seria um cenário idealizado, porque no Brasil não há democracia plena muito menos a conscientização política ampla por parte da população. Giovanni Sanfilippo, jornalista d' O Globo, comentou sobre essa questão em entrevista a Origens: "Para responder a isso, acho que a gente precisa considerar a realidade do Brasil em que milhões de pessoas não têm acesso à educação e informação formal, e isso as diferencia fundamentalmente da parcela

da população sobre a qual faço a análise, aqueles que consideramos instruídos de alguma maneira. A noção que a população brasileira tem das estruturas governamentais é limitada e simplista. É seguro dizer que a maioria dos eleitores não entende a função dos seus eleitos, a ponto de cobrar o prefeito por questões que competem ao governador, ou este às funções de um vereador ou deputado".

Por muito tempo, argumentos como "o brasileiro não sabe em que votar" ou "não tem em que votar" foram debatidos e usados como justificativas pelo pouco interesse da população nos assuntos pertinentes aos poderes Legislativo e Executivo. A redemocratização se deparava com a realidade de que política não era assunto das conversas dos brasileiros. Hoje, nota-se que os hábitos de certa maneira continuam.

O brasileiro dificilmente acompanha, ou simplesmente pouco se lembra em quem ele votou. Resumidamente, os cargos do Executivo – prefeito, governadores e presidentes –, são casos lembrados. "O poder Executivo é o mais perceptível, daí também o mais cobrado. Tanto o Legislativo quanto o Judiciário se blindam em ritos obscuros e linguajar desnecessariamente arrojado, baseado nas leis, justamente para conquistar uma certa autonomia. Afinal, como um simples eleitor irá fiscalizar algo que não compreende? Assim, tanto em sua organização quanto no seu procedimento, o poder legislativo, mas também o Judiciário, atuam de maneira mais furtiva, porém mais eficaz, de seu próprio ponto de

"Afinal, como um simples eleitor irá fiscalizar algo que não compreende?"

Crédito: Arquivo pessoal de Giovanni.



Giovanni Sanfilippo, repórter do jornal O Globo.

vista. Aí está a necessidade de uma reforma política ampla, agora que o Brasil vive seu período democrático mais extenso desde quando Cabral, o Pedro Álvares, aportou nestas terras, para que mudanças beneficiassem a população em sua integralidade e não apenas mantivesse o poder das elites. Esse cenário, no entanto, parece cada vez mais improvável”, constata Sanfilippo.



## Afinal, você se lembra em que votou nas últimas eleições?

Talvez, antes de responder esta pergunta aparentemente simples, é interessante observar que boa parte da população não sabe o que cada cargo exerce. Muito além disso, brasileiros não têm noção de como o sistema e a forma de governo se estruturam. Muitos não imaginam que o poder Legislativo em seu regimento é bicameral e o presidente exerce os cargos de Chefe de Estado e o Chefe de Governo.

Em 2016, durante as eleições municipais, dados do Tribunal Superior Eleitoral apontavam que o Brasil contava com 144,1 milhões de eleitores. Destes, 14,3% representavam menores de 18 anos, maiores de 70 anos e analfabetos, ou seja, 20,3 milhões de

eleitores com voto facultativo. Giovanni afirma ser tolice imaginar que não há um comércio de votos, principalmente nas cidades do interior, eventualmente dominadas por oligarquias informais. “Contudo, não está claro pra mim se isso acaba por fortalecer ou enfraquecer o suposto descaso com o voto. Por um lado, o eleitor entende que seu voto não tem valor, afinal não é necessário participar de muitas eleições para ter a percepção de que, na maioria das vezes, não importa o número digitado na urna, o resultado será praticamente o mesmo e, sobretudo, decepcionante. Por outro lado, o eleitor que tem a noção do valor de seu voto, pode negociar com um candidato. O candidato sugere um benefício que satisfaça o eleitor e assim contará com seu voto. Note que, até aqui, descrevi o processo da eleição como deve ser! Isso considerando que tais benefícios sejam consolidadas no exercício de um mandato, dentro dos limites da lei. Compreende? Agora, levando em consideração a situação da maioria dos eleitores, o que ocorre é a clara compra de votos, com dinheiro, com vantagens ilegais, com relações abusivas, sob o aspecto político, é claro. Dito isto, concluo acreditando que o esquecimento tem mais a ver com o interesse do próprio eleitor do que com a atuação do político. Mesmo que tenha vendido o voto ilegalmente, um eleitor não esqueceria daquele que o comprou, na minha opinião”.



# FALA, POVO!

Oitenta por cento das pessoas entrevistadas afirmam se lembrar em quem votaram, mas a maior parte delas assume não acompanhar assiduamente seus candidatos:

“Eu acompanho bem por cima. A questão política, no momento, não me preocupa muito com isto. Tipo, preocupar, eu me preocupo. Mas eu acho que não dou tanta relevância agora por tudo que tá acontecendo, por tanta corrupção, estou deixando acontecer e ver o que vai rolar” - **Estudante universitário, Guilherme de Andrade Pujol, 23 anos**

“O que é que acontece é que quem sempre foi mais ativista, aparece mais. Quem não liga ou nunca ligou, continua não ligando, só vai votar no que a massa decidir, é assim que funciona!” - **Chefe de Operação Tecnológica, Evandro Caetano, 31 anos**

“Sinceramente, eu não me lembro! Não sei, na verdade, eu acho que a nossa política meio que não incentiva a gente a querer votar, a querer participar, a gente vê muita coisa errada.” - **Estudante de Rádio e TV, Gabriela Coutinho, 27 anos**

Quando questionados sobre sua opinião a respeito do voto obrigatório, cerca de dois terços dos entrevistados mostraram-se contra esta prática:

“Acho que são muitos cargos, bem mais do que seria necessário e não fica clara a função de cada um. Na hora que é exibido nas propagandas eleitorais, é muito mais para confundir, todo mundo faz que uma promessa muito parecida, independente da função que ocupa e aí você não sabe bem a quem responsabilizar por cada coisa.” - **Estudante de Publicidade e Propaganda, Caterine Ferraz, 22 anos**

“O fato de você obrigar o voto, faz com que a pessoa exerça a cidadania. Ok! Mas só que tem o outro lado, que eu acredito mais, que também é favor da democracia, mas isso propicia justamente esta questão do votar ser obrigatório, onde se acaba votando em qualquer um, enfim, isso acaba alastrando justamente esta questão de esquecer” - **Estudante universitário, Alexandre Del Rey Macedo, 20 anos**



## Formação da Consciência Política

A mídia tradicionalmente tem privilegiado as campanhas dos candidatos do poder executivo sobre os do legislativo e judiciário, seja com maior tempo de tela, destaques nas matérias ou também como os únicos a terem direito à debates organizados nos canais abertos da televisão, enquanto que os demais candidatos são tratados muitas vezes como meros adendos. “Não só hoje, mas há muito tempo, aquele que aparece mais tem muito mais verba do que aquele que aparece menos. E muitas vezes o colegiado dele também é maior, então o que se analisa hoje em dia é: qual é o seu público? O partido analisa e a partir disso eles vão investir mais em você”, esclarece o jornalista e empresário André Luiz Guimarães, 38 anos, que já trabalhou como assessor de candidatos até mesmo para a presidência, como Eduardo Campos, em 2014.

Essa distinção pode encontrar sua justificativa na ideia do povo brasileiro considerar política como um tema enfadonho ou tabu. Essa realidade tem se alterado, em especial na última década, com as mídias sociais possibilitando uma aproximação maior entre os jovens e a pauta política, fomentando posicionamento social e engajamento. Entretanto, muito desta argumentação de civilidade oferece fundamentos inconsistentes ou mal interpretados, resultante juntamente do desinteresse e defasagem histórica da população acerca do tema, o que acaba por influir significativamente nas escolhas dos eleitores para seus representantes políticos, conforme ressalta André: “Enquanto nós não aderirmos à educação política nas escolas e na nossa casa, enquanto o público, a sociedade em si, não tiver conhecimento de qual é o papel de um vereador, de um prefeito, um governador, um senador ou deputado, enquanto eles não tiverem todos estes conhecimentos, nós vamos padecer como nós temos padecido, isso é muito claro”.



André Guimarães, em entrevista para a *Origens*.

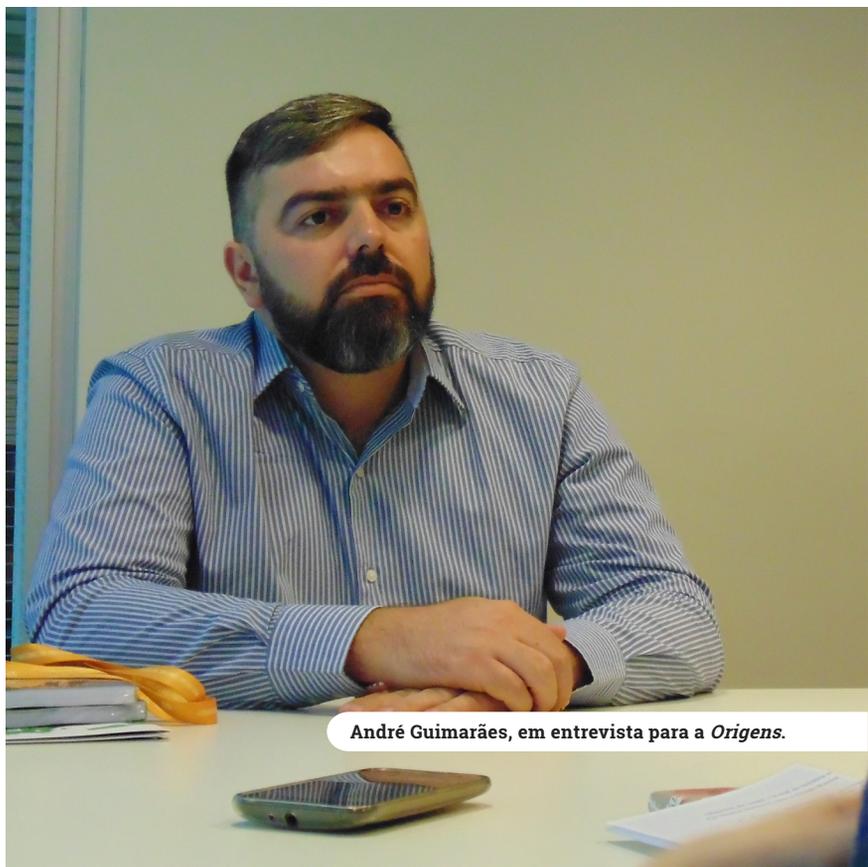
Essa indiferença em relação aos cargos tidos como “menores” e o pouco acompanhamento dos nossos candidatos são consequências da pouca instrução do povo acerca das ciências políticas e da relevância e funcionalidade de tais cargos no esquema de organização de nossos poderes. A abordagem destes assuntos na formação acadêmica dos brasileiros desde a base, conforme indicado por Guimarães, poderia influenciar uma postura eleitora diferente, mas essa é uma realidade distante, visto que a muitos dos poderosos se faz interessante sustentar a alienação popular de modo a seguirem apresentando propostas frágeis e fracas, conquistando com apenas carisma e induzindo todo um séquito de seguidores apáticos a serem eleitos, vendidos à massa popular com imagens bonitas, jingles chiclete e números fáceis de se decorar, estabelecendo suas alianças e o número de representantes necessários nas câmaras para que os interesses da elite sejam mantidos.

André diz ainda que a transparência seria a melhor coisa para iniciar essa mudança: “Hoje em dia uma pessoa se candidata para ser um vereador, mas ela não sabe qual é o papel que ela tem que desenvolver. Ainda acontece muito isso, principalmente nos interiores. A pessoa muitas vezes quer ser um deputado hoje por quê? Porque infelizmente a lei de hoje diz que se um deputado tem dois mandatos seguidos ele pode se aposentar, então virou uma espécie de muleta para eu não trabalhar mais depois. Eu acredito que nós, como formadores de opiniões, temos por obrigação sermos muito mais claros, com nossos amigos, com as pessoas que estão mais próximas de nós, sem entrar em de-

“A mesma força que o povo tem para colocar a pessoa lá, o povo tem para tirar. Só que eles não sabem disso ainda.”

talhes se eu sou partido A, B ou C, mas deixando bem claro: você sabe qual é o papel de um deputado? De um vereador? Porque muitas pessoas não sabem. E eu acredito que falta isso inclusive nas redes, se você analisar não tem lá claro qual é o papel de um vereador, a gente não vê matéria sobre isso. Ainda tem um déficit muito grande”.

Quando questionado sobre como cada um pode contribuir pessoalmente com a obtenção da política que desejamos ter, André sugere: “Dá uma olhada nas leis, dá uma olhada no que ele pretende e depois cobra isso dele. Eu acredito muito na força do povo. A mesma força que o povo tem para colocar a pessoa lá, o povo tem para tirar. Só que eles não sabem disso ainda. Infelizmente não sabem”. Sendo assim, é fundamental oferecer conhecimento ao eleitor, muito além de apenas apontar culpados. Faz-se necessário apontar fontes confiáveis onde obter informações sobre o histórico de seus possíveis elegidos, afora possibilitar o acompanhamento do cumprimento ou não de suas promessas de campanha e demais informações relevantes e medidas tomadas ao longo de seu mandato.



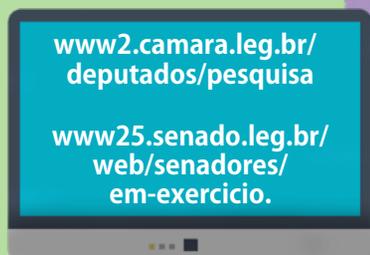
André Guimarães, em entrevista para a *Origens*.

## Como checar seus candidatos?

Obter  
informações de  
sites  
confiáveis

[www2.camara.leg.br/  
deputados/pesquisa](http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa)

[www25.senado.leg.br/  
web/senadores/  
em-exercicio.](http://www25.senado.leg.br/web/senadores/em-exercicio)



Os sites oficiais da Câmara dos Deputados e do Senado Federal oferecem campos bem completos sobre os representantes em exercício, com suas biografias, presenças em plenário e suas proposições sugeridas, entre outros dados úteis para melhor conhecê-los.



A conscientização de cada um é essencial para obtermos a política que desejamos ter. Criar o hábito de acompanhar e verificar as ações dos políticos, após sua eleição, é a melhor forma de exercer seus direitos como cidadão e cobrar por melhorias.

Esses endereços eletrônicos podem ser acessados, respectivamente, nos seguintes links: <http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa> e <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/em-exercicio>.



# O QUE A ROUPA DE UM CANDIDATO DIZ SOBRE SI MESMO?

**Na hora de escolher um candidato o povo avalia muitas coisas e o traje acaba sendo um fator importante.**

**O**s candidatos à política, a quem confiamos nosso voto, normalmente, têm bom comportamento, agem de modo sereno e, muitas vezes, culto. Possuem vocabulário correto, usam trajes elegantes e mantêm boa aparência. Tudo isso ocorre pelo marketing pessoal, que trabalha a imagem que será aceita pelo eleitorado.

A partir desse ponto são instauradas estratégias de público a fim de conquistá-lo, bem como elevar sua imagem para torná-lo confiante. Nesse instante, de modo contínuo, o trabalho de um assessor de imprensa, ou Relações Públicas, faz-se presente nas questões voltadas ao aspecto do cliente. Por exemplo: observar o visual (vestimenta), o modo de falar e de se portar em reuniões e debates políticos, o conteúdo do que é dito, a dicção e as expressões são alguns fatores.

No período eleitoral os candidatos aparecem na grande imprensa, principalmente na televisão, com a ideia de dialogar e se apresentar ao eleitor: fala concisa e centrada, bem vestidos, com propostas de governo atraentes. Eles contratam equipes especializadas para cuidar de suas imagens, deste modo, cabe aos especialistas em comunicação traçar todas as ações para contribuir no quesito “vender a imagem”.

Em entrevista com Beatriz Arvatti, 23, formada em moda pela Universidade Anhembi-Morumbi, “a roupa não determina em nada o meu voto e nunca o fará, mesmo porque tem muito lobo em pele de cordeiro, como dizem. Mas eu acredito que eles são a imagem que representa nossa cidade, estado ou país, então acho que a partir do momento em que você vê o cuidado de uma figura política com ela mesma, te passa um pouquinho de confiança que ela pode te representar.”



Foto: istockphoto.com

André Maggi, 30, formado em Administração pela Universidade de São Paulo (USP), fomenta a ideia de Beatriz: “Certamente a maneira como qualquer pessoa se veste influencia minha opinião. Mas se o candidato fizer sobressair suas qualidades, independentemente da maneira que se veste, a influência será praticamente nula.”

O especialista em Economia, Caio Vinícius, 23, formado na Faculdades Integradas Rio Branco, tem outra ótica: “O modo de um político se vestir não influencia em nada o meu voto. Sempre levo em consideração seu passado e as propostas políticas que ele vem apresentar.”

Percebe-se que há algumas divergências de opinião sobre o marketing pessoal e a influência que ele exerce na hora de escolher um candidato, mas pode-se afirmar que, apesar de ser um grande fator, os políticos não devem focar somente nisso. Propostas e história também dizem muito sobre quem ele é.

Ao conversar com a jornalista e assessora de imprensa Aurora Seles, 44, sobre a importância da imagem, ela pontua: “É uma das ferramentas. O marketing pessoal contribui na imagem, principalmente, de alguém que queira seguir uma carreira pública”. E salienta: “Não existe ninguém feio, existem algumas pessoas que precisam um pouco mais de cuidado”. Aurora é também professora de Comunicação e reitera sobre a importância da aparência no ambiente parlamentar, pois é o primeiro aspecto a ser notado.

Independente do sexo, ter uma boa oratória, carisma e simplicidade são algumas dicas a serem seguidas para o sucesso do candidato. Para alguns basta aplicar pequenas mudanças; já em outros casos, o trabalho do assessor se torna mais incisivo e as demais áreas de atuação também, para um bom desenvolvimento do candidato.



# CRÍTICA OU DIFAMAÇÃO?

## Memos como expressão política da juventude e a tênue delimitação de seus limites

**A**s eleições de 2014 e suas subsequentes ficaram marcadas na história do país e causaram um efeito novo por causa da potencialização de memes e discursos dos candidatos que iam além do que a mídia tradicional poderia fazer – de modo absolutamente orgânico, sem qualquer esforço ou instigação especial. A urgência de novidades no humor, propiciadas pela comunicação e tecnologia de informação, comprova ainda mais a relevância de se pensar no uso do humor no âmbito eleitoral.

Um meme necessita de um repertório cultural retirado de memórias, relações sociais, aspectos específicos e referências. O internauta compartilha, posta e curte o que considera interessante, refletindo suas impressões sobre um determinado tema, o que impressiona ou o afeta de uma certa forma, por isso, o humor tem uma particularidade tão recorrente nestas postagens.

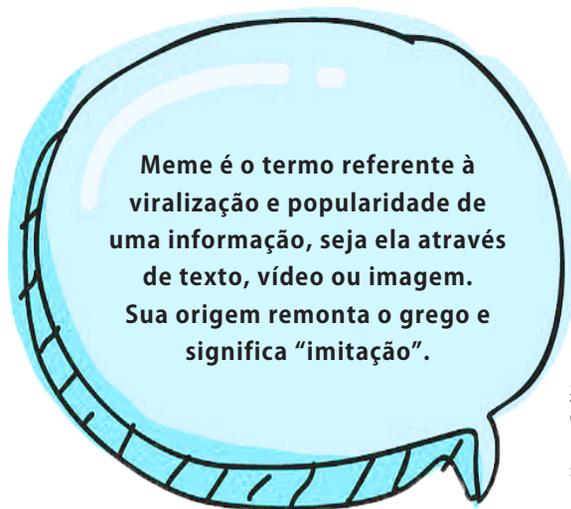


Foto: Humor Político



Foto: Thaianie Muniz

Palestra sobre a Cobertura das Eleições 2018

### Que humor é esse?

Memos são, frequentemente, caracterizados como conteúdo desprezioso e raso, típico de manifestação de expressão. Contudo, tal impressão é consequência de uma compreensão equivocada sobre o fenômeno popularmente chamado de "besteiro".

Essa compreensão deve-se à ausência de estudos que se curvem sobre o universo dos memes, a começar pelo uso e apropriações dessas produções em cenários políticos. Os exemplos não são poucos: desde imagens com algum candidato às eleições até páginas de perfis fictícios, como "Dilma Bolada". Os memes têm instigado o contexto político do país há mais tempo do que se imagina. Na realidade, os memes têm uma capacidade para espalhar conteúdos como poucas mídias, tornando-os acessíveis ao grande público. Os fenômenos da internet têm enorme poder de articulação e mobilização nas redes e, é justamente por isso que não podem ser

encobertos e estão sendo aplicados com frequência em novas campanhas eleitorais.

Neste cenário, o presente ano eleitoral mal se iniciou e já conta com uma gama de variáveis capazes de o distinguirem como único, conforme indicado pela editora-chefe da Veja, Thais Oyama. Em painel sobre a cobertura das eleições 2018, realizado no campus Liberdade da faculdade FMU, ela ressalta o porquê: “Primeiro por uma campanha extremamente curta; segundo porque pela primeira vez desde a redemocratização, PT e PSDB podem estar fora do 2º turno e também pela influência ainda não mensurável das redes sociais, em especial as fake news”. E, se 2013 foi o ano em que as redes sociais despontaram como fator crucial no processo político, conforme indicado por seu colega Fábio Zanini, editor da Folha de S. Paulo, esse é o ano onde se consolidam. “Está se desenhando uma campanha polarizada como nunca se viu neste país, uma polarização que só pode ser comparada à de 1989, só que lá não havia redes sociais”.

Já José Paulo Kupfler, colunista d’O Estado de S. Paulo, posiciona-se sobre a proliferação das fake news, muitas vezes atrelada à linha tênue entre denúncia e difamação encontrada nas postagens políticas: “É só um nome novo para algo que sempre existiu, mas falsidade no nosso negócio não deve ter partido”.



Créditos: Oliveira para Humor Político



# O CRIADOR DO HUMOR POLÍTICO: DIOGO RAMALHO

**D**ioigo Ramalho é programador, jornalista, e analista de Relações internacionais. Na internet desde 1995, fez parte do primeiro um milhão de usuários brasileiros na internet, tendo desde então criado diversos sites em nichos diferentes, como o Humor Político, Miraculoso, (Jornal alternativo de Brasília), Inteligência Artificial, portal de Tecnologia, Hospedagem Grátis, dentre outros.

## **Na sua concepção, qual o poder que a internet tem de influenciar as pessoas?**

Em um mundo cada vez mais conectado, a internet se torna parte essencial no conjunto formador da opinião nacional e na formação de consensos. A internet é o local plural onde não só a visão de determinada família dona de oligopólio de comunicação expresse sua visão unilateral da realidade é um dos instrumentos fundamentais para a democratização da comunicação.

## **Por que você acredita que as pessoas fazem piadas com a situação atual do país? Como a irreverência se manifesta como uma boa solução frente aos momentos de crise?**

O brasileiro gosta de rir e fazer rir, acredito até que a irreverência está no nosso DNA enquanto país, e nada melhor que o humor para trazer o povo brasileiro, que ainda tem mais repulsa que amor pela política, para dentro da reflexão e caminhos que temos que tomar todos os dias enquanto nação. O humor é uma arma poderosa de conscientização, além de ativar várias

áreas do cérebro trazendo mais sinapses que complementam o conhecimento sobre os temas históricos que vivenciamos.



## **Como surgiu a iniciativa de criar o site Humor Político?**

Surgiu com a proposta de ser uma plataforma livre, onde qualquer autor de conteúdo que trate de humor e política possa publicar livremente seu conteúdo, como e quando quiser.

## **Em sua concepção, há um limite entre a crítica e a difamação? Como esse equilíbrio deve ser encontrado e, principalmente, mantido num ambiente tão aparentemente livre quanto a internet?**

A pessoa pública, o agente político, ao optar pela vida pública está necessariamente aberto para receber todo tipo de opinião do público, pois está inserido em um universo onde a publicidade é regra, e deve prestar contas de todos os seus atos enquanto representante da coletividade. É difícil definir o limiar entre a ofensa e a crítica, ainda mais em tempos de ânimos tão acirrados e propagação de uma cultura de ódio muito forte, que foi incentivada nos últimos anos principalmente pelos grande veículos de comunicação. E isso em um ambiente como a internet, onde a lei é quase não ter lei nenhuma, as fake news se mostram como um desafio ao próprio sistema democrático e precisam ser combatidas não com censura, mas com luz, com clareza e verdade.

# VOCÊ SABE O QUE O MINISTÉRIO DA CULTURA FAZ?

**E**m uma pesquisa realizada em abril, no Instituto Moreira Sales, os visitantes das exposições, com uma média de idade de 34 anos, foram questionados se sabiam da função do Ministério da Cultura (MinC). A resposta mais básica e superficial, ainda correta, porém incompleta, foi alegar que a função do MinC é fomentar a cultura. 43% dos entrevistados não sabiam a função do Ministério. Destes, as respos-

tas se dividiram entre “não sei” e a resposta básica citada acima.

Dentre eles estava Maria Alice, 54, professora de artes na rede pública de ensino. “Houve um corte enorme logo depois que esse governo, que não é governo, entrou”, diz a professora. “Eles acabaram com tudo e nem se ouve mais o que está acontecendo. Eu trabalho com Arte e Educação e eu não sei o que está acontecendo”.

A cultura atinge desde a esfera social de um país à economia dele. Para assegurar que ela continue tendo o devido impacto e funcionamento proposto, existe o Ministério da Cultura, que foi criado em 1985 após decreto presidencial de José Sarney.

O MinC nasceu da separação do Ministério da Educação e Cultura, no intuito de trabalhar melhor as ações específicas que reconheçam a cultura.

Para cumprir com as agendas requisitadas no cenário brasileiro, o ministério se divide em três dimensões: simbólica, cidadã e econômica.

Na dimensão simbólica, o órgão se preocupa em reconhecer os símbolos culturais criados por seres humanos. No âmbito da cidadania, a finalidade é fazer com que a cultura seja acessível a todos. E, por fim, no cenário econômico, o objetivo é promover a cultura como atividade rentável ao país; seja por meio de turismo indo ou vindo do exterior ou turismo do brasileiro pelo Brasil.

Para que se concilie cultura e economia, o MinC conta com elos de ligação com a esfera política, construídos pelas suas três secretarias que prestam auxílio direto ao Ministro de Estado da Cultura, Sérgio Sá Leitão. Essas secretarias agem acompanhando trâmites e tudo o que for de interesse da cultura.



Crédito: Isabella Liporoni

# O MINISTÉRIO AMEAÇADO

**E**m 2016, logo após a posse do atual Presidente da República, Michel Temer, o Ministério da Cultura deixou de existir no formato atual e voltou à forma que era antes do decreto de Sarney: unido ao Ministério da Educação.

A medida foi justificada como um corte de gastos pelo presidente. Segundo Temer, existem muitas secretarias e ministérios.

A possibilidade da extinção vinha sendo discutida

pelo menos desde 2015, mas foi afastada por manifestações de rejeição à medida. Um ano depois, o presidente que assumiu pós-impeachment tratou de levar adiante a decisão.

De acordo com informações do Portal da Transparência, o Ministério da Cultura, em 2017, gastou 1.87 bilhões, sendo responsável por 0,12% do gasto total do governo no ano. Além disso, estima-se que a cultura represente de 4 a 6% do PIB nacional.

## Quem é o Ministro

Formado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Sérgio Sá Leitão assumiu o posto de Ministro da Cultura do Brasil em 25 de julho de 2017, nomeado pelo presidente Michel Temer.

Antes de entrar na carreira política, Sérgio trabalhou no Jornal do Brasil e na Folha de São Paulo, ocupando, em ambos, as funções de colunista, repórter e editor. Também foi diretor de redação no Jornal dos Sports, do Rio de Janeiro.

No início dos anos 2000 entrou para a carreira política, sendo, entre 2003 e 2006, Chefe de Gabinete e Secre-



Foto: Kathia Laurindo

tário de Políticas Culturais do então Ministro da Cultura, Gilberto Gil. Sempre ligado às questões de promoção da Cultura no país, Sá Leitão também foi diretor da Ancine, ocupando o posto entre 2008 e 2009, quando foi convidado para assumir a presidência da RioFilme.

Sérgio Sá Leitão também trabalhou como secretário municipal da Cultura do Rio de Janeiro entre 2012 e 2015. Assume o cargo de Ministro da Cultura em julho de 2017 no lugar do então Ministro interino João Batista de Andrade, que não manifestou interesse em ser efetivado no comando do Ministério.

# OPINIÃO DOS POLÍTICOS

O fim não oficial do Ministério da Cultura acalorou as discussões e encorajou declarações por parte de políticos. Um deles foi o presidencial Jair Messias Bolsonaro, que expressou satisfação com a medida da extinção do ministério, fundindo-o ao Ministério da Educação: “nós vamos extinguir o Ministério da Cultura e teremos apenas uma secretaria para tratar do assunto. Hoje em dia, o Ministério da Cultura é apenas centro de negociações da Lei Rouanet”.

O histórico de manifestações a favor do MinC por parte de políticos beira a inexistência; a classe artística cumpre esse papel.

A cultura é defendida discretamente na esfera política; o apoio vem, principalmente, em forma de investimentos. Porém, os mesmos números que defendem discretamente a cultura provêm do lucro dela. Exemplos de países fortes buscam conciliar em todos os âmbitos

as necessidades econômicas e sociais, incluindo a cultura, reconhecendo-a como bem comum.

No caso do Brasil, um país conhecido amplamente como um grande produtor de cultura e detentor de um potencial turístico massivo, a agenda ainda não é discutida e conciliada ao restante das atividades econômicas.

O uso desse segmento com objetivos bem definidos pode alavancar também outros setores, como a própria educação, duramente criticada e carente de verbas para a realização de projetos transformadores.

Prestes a eleger novos governantes, o tema não parece se sobressair no ambiente dos debates, exceto por polêmicas. Mas será que dessa vez será possível expor o assunto a fim de alcançar um resultado produtivo, divulgando artistas e tratando sua importância na sociedade e na economia? A resposta será pintada na história.



# CARDÁPIO DOS CANDIDATOS

**As diversas caras e bocas dos nossos candidatos fazendo um boquinho antes das eleições.**

Você já pensou em estar na feira tomando aquele caldo de cana e ao olhar para o lado se deparar com o seu candidato fazendo um lanchinho? Bom, essa realidade não é assim tão difícil quando se considera o período de eleições. Diversos estadistas, como forma de interação com seus eleitores, vão a bares, restaurantes populares, lanchonetes e quiosques, entre outros estabelecimentos, ouvir o que esses têm a dizer, bem como fazer um marketing de si e apresentar às mídias um lado mais humano, conforme revelado por cientistas políticos e especialistas em marketing eleitoral ao longo dos anos.

Sejam oriundos de um partido de direita, esquerda, ou quaisquer outras ideologias, todos os aspirantes a cargos públicos também sentem fome e uma hora ou outra podem surgir seguidos por um séquito de apoiadores, jornalistas e fotógrafos, em algum acessível e movimentado estabelecimento alimentício.

Segundo o estudioso de marketing eleitoral João Miras, conforme declaração dada ao Correio Popular: “Essa é uma tradição udenista, que acontece há muito tempo no Brasil. Além do apelo histórico, tem a questão estratégica. A visita do político é sempre muito rápida, então a parada para comer um pastel repercute melhor a visita, além de mostrar que o candidato é uma pessoa simples. E os locais escolhidos são onde pulsam a cidade e o candidato será visto”, e ainda completa afirmando que o candidato deve

se policiar para não recusar nada, pois caso pareça estar com receio da comida, a estratégia pode acabar voltando-se contra ele, como diversas vezes se viu em piadas com fotos onde os aspirantes aos cargos públicos estão com caretas e expressões de “nojo”, difundidas na internet. “Serviu, tem que comer. E não pode sobrar nada no prato”, finaliza Miras.

Para acrescentar uma visão interna sobre o assunto, os camelôs donos de uma barraca de batata-frita, Djalma Cano e Clara Aparecida Moraes Barbosa, foram questionados acerca da opinião sobre esse Marketing



Fonte: Objetosanimadoscartoon

eleitoral e discrepância entre os locais costumeiramente frequentados pelos candidatos e os locais públicos selecionados em época de eleições: “O candidato vem só uma vez, já meus clientes vêm sempre, são fiéis a minha barraca. Políticos só vem quando precisam de voto e se divulgar. Fora isso, não passa nem aqui na frente, pelo contrário, se ele se eleger prefeito, vai mandar tirar as barracas que não tem a licença para trabalhar. Minha comida é popular, mas é para a gente popular, e quanto a eles, para mim, não têm popularidade nenhuma, é zero”.

Dilma Rousseff, Geraldo Alckmin, Aécio Neves, José Serra, Gabriel Chalita, Fernando Haddad e outros tantos já foram vistos fazendo uma ‘boquinha’ – literalmente – enquanto comiam suas devidas refeições. Durante o mês de maio, o candidato a governador do estado de São Paulo, João Dória, postou em suas redes sociais uma foto comendo com a legenda: “#AmoPastel”. Os locais variam muito, desde bares pequenos a

comícios eleitorais, porém no cardápio desta eleição, sejam mortadelas ou coxinhas, a escolha é quase unânime, sem necessidade alguma de um segundo turno: o bom e velho pastel de queijo ganha disparado. Resta aos eleitores decidir se toda essa fritura vai ou não resultar numa azia ao engolir as propostas do candidato goela abaixo. Porque frito mesmo, só tem que ser o pastel...ativa e pratica canto em um coral.

Cássia conta que sua vida mudou ao acompanhar e viver alguns momentos compartilhados com os idosos que a contratam.

“Mudou completamente a forma de vê-los. Pois com eles enxergamos a vida numa perspectiva diferente e de fato mais concreta. Passamos a olhar com outros olhos todos os idosos à nossa frente, seja os que conhecemos e até aqueles que cruzam nossos caminhos num ônibus, por exemplo. Eles precisam de amizades, conversar, rir e se divertir”.



Foto: istockphoto.com

**QUANDO A RIO BRANCO ENTRA  
NA SUA HISTÓRIA, VOCÊ SE  
TRANSFORMA POR INTEIRO.**

Giovanna **Rio Branco** Minella

Quando você nasceu, seus pais  
escolheram seu nome.  
Você cresceu, escolheu seus  
caminhos, se transformou.  
Ao escolher as Faculdades  
Integradas Rio Branco,  
seu nome ganha um  
sobrenome de peso  
que faz toda a diferença  
no mercado de trabalho.



RUNO.COM



**PRESENCIAL E EAD**



**Melhor faculdade**  
de Cotia e região

**1º lugar** entre  
as Faculdades  
Integradas do Brasil  
(IGC - MEC)

**GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA (2 anos)**

- Comércio Exterior • Gestão Comercial
- Gestão de Recursos Humanos • Logística
- Marketing • Produção Audiovisual

**GRADUAÇÃO**

- Administração • Design • Direito
- Engenharia Civil • Engenharia de Produção
- Jornalismo • Publicidade e Propaganda
- Rádio e TV • Relações Internacionais
- Relações Públicas • Sistemas de Informação

 [facebook.com/curtariobrancofac](https://facebook.com/curtariobrancofac)

 [twitter.com/riobrancofac](https://twitter.com/riobrancofac)

 **RIOBRANCO** | **Faculdades  
Integradas**



Fundação de  
Rotarianos  
de São Paulo

*Mantenedora das Instituições Rio Branco*

Faculdades

Unidade Lapa: 0800-16-55-21

Unidade Granja Vianna: (11) 4613-8455

[www.riobrancofac.edu.br](http://www.riobrancofac.edu.br)

# DE... MONARQUIA

**“Mas ainda existe príncipe aqui?!”**



### De onde emana a soberania?

A soberania não emana do povo, ela emana de Deus. É bonito o argumento “do povo, para o povo, com o povo”, mas este é um mito republicano que não se sustenta na realidade. Basta ver o que acontece no mundo, não somente no Brasil, mas na Alemanha, França e em vários países assim ditos democráticos. Eles tiveram a pretensão de organizar o Estado, a vida pública e política, fazendo a abstenção de Deus. Ora, se você tira Deus do panorama, o Estado se torna Deus, e o Estado se julga por direito de legislar absolutamente tudo.

Por exemplo, o direito à vida. Não é uma condição ou imposição do Estado. O direito à constituição de família antecede o Estado. O direito à educação dos filhos e ao trabalho, idem. São uma série de direitos naturais que estão acima do Estado e que ele deve apenas garantir, sem direito de intromissão.

Hoje em dia, discute-se o Estado Laico. De laico não tem nada. Ele acaba por não ter um absoluto governativo na sua cabeça. O laico é condicional ao materialismo. Eu vi uma estatística outro dia: desde a entrada da Constituição de 1988 até hoje, há mais de cinco milhões de leis. Absurdo! O Estado acha que regulamentar tudo em até

seus mínimos detalhes vai ordenar a vida Civil?! Há um adágio jurídico latino que diz *Plurimae lex pessima res publica* – quanto maior o número de leis pior a coisa pública. Deve haver leis, mas apenas aquilo que é estritamente necessário. Senão, você põe ao homem uma camisa de força.

### **Nossa primeira constituição, de 1824, já delimitava a separação da Igreja e do Estado. O que S.A.I.R. considera sobre a formação de uma bancada evangélica no governo?**

A Igreja não deve se intrometer em questões de Estado, a não ser quando este fere a fé e a moral. A Igreja tem o direito e até o dever de pronunciar-se e ser ouvida, ser respeitada. No momento, é benéfica a formação de uma bancada evangélica. Agora, seria maléfica quando esta bancada viesse a coibir a participação, o direito e o dever de outras igrejas.

Durante a entrevista exclusiva, D. Bertrand afirmou que para a melhor sinergia e entendimento entre os três poderes, deveria haver o poder moderador. Definido no Artigo 98 da Constituição Imperial de 1824, o poder moderador era a atribuição incumbida ao Imperador, que visava à harmonização do Exe-



cutivo, Legislativo e Judiciário em função do bem e do serviço à nação.

### **A república proporcionou a descaracterização dos três poderes?**

Com certeza! A população não tem menor ideia o que representa o legislativo, o qual se tornou um poder descaracterizado, personificado. A casa bicameral tornou-se um circo, principalmente nos últimos eventos. Há muita ambição e interesse individual. Os políticos não servem à nação, eles se servem da nação. A corrupção é resultado de uma mentalidade individualista. Uma nação sem patriotismo permite-se ser passada para trás.

### **S.A.I.R. acredita que as memórias culturais da monarquia ainda afetam o grande público?**

Nessas eleições, muito pouco, mas na mentalidade brasileira, muito! Porque há um natural das coisas que é monárquico. Nós rezamos o Pai Nosso, que diz “venha a nós, o vosso reino” e não, venha a vossa república. Ninguém vai dizer que a Virgem Rainha é a Primeira-dama do Céu, que o Pelé é o presidente do futebol ou que na feira existe o presidente da panela. Houve um plebiscito em 1993, mas nós não vencemos porque não houve condições. Algo interessante, entretanto, é que em todos os debates onde um monarquista pode lutar em pé de igualdade com os republicanos, no fim, monarquia vence. Se tivesse havido igualdade de condições, o resultado seria outro.

### **O desinteresse por política é produto do voto obrigatório?**

Se o voto fosse facultativo, o grupo que votaria teria mais consciência e o restante nem se importaria em votar. É o único direito que a gente é punido se não exercer. Dizem que o silêncio dos povos é a lição dos reis. A abstenção em uma eleição é a lição dos representantes de um país.

### **O que S.A.I.R. considera sobre o ingresso da mulher na Política?**

Não é ineditismo. Não podemos considerar a eleição da Presidente Dilma como um panorama inédito. A Política não é somente do poder executivo. A mulher já se fez muito presente nos outros poderes e em algumas

regências como D. Leopoldina, Princesa Isabel, Carmen Lúcia. A mulher que assume um cargo político não deve olhar como uma conquista, mas um dever. A nação está acima de gênero.

### **Onde está a imaturidade da nossa República?**

Ao próprio sistema que é utópico. Não somos livres pela representação do voto. Somos presos a impostos coaxantes, uma ganância em plena classe política e empresarial. Pregar que qualquer um pode ser presidente da república é a mesma coisa que dizer que qualquer um pode ganhar na loteria. Ninguém organiza a sua vida partindo do princípio de que vai vencer. O fato do povo escolher o seu Chefe de Estado, equivale a, no máximo, optar pelo mal menor. Uma vez sugeri a um empresário: a cada quatro anos, com sufrágio universal, deixe votar todos os empregados para saber quem vai substituir o chefe. Como resposta, ele disse que não poderia aplicar isto. Qual a empresa que resistiria a uma inserção da república? Pois no Brasil, as coisas funcionam assim.

### **S.A.I.R. crê que a população conhece as formas de governo já adotadas em nosso país?**

A maioria da população não tem menor ideia sobre a situação! Acredita-se seriamente que em uma eleição presidencial se escolhe o seu Chefe de Estado. De forma ufanista, vota-se entre duas ou três opções dos mesmo grupos que dominam a política. Quais os resultados das eleições? O caos político!

Além disso, D. Bertrand sugere o regime parlamentar como uma saída, desde que fosse monárquico. Pois, com a república resulta o presidente pode ser de um partido e o primeiro-ministro da oposição, resultando numa grande disputa política prejudicial à população. “O Chefe de Estado deve estar acima da luta partidária. Como no caso da rainha da Inglaterra. Ela é imparcial, o que neste sentido é muito mais democrático que no presidencialismo. E depois, deve-se perceber, que certas questões são questões de Estado e outras são questões de governo. Por exemplo, a Justiça não pode se assumir submissa e dependente da Política! A mesma coisa com as forças armadas, as forças policiais, a diplomacia”.

## Instituição Monárquica no Brasil

Para a Monarquia ser instituída, deve ocorrer um plebiscito.

Se a decisão popular for favorável, automaticamente, uma Assembleia Constituinte é formada para redigir uma nova Constituição. No documento oficial, é estabelecido um governo monárquico cujo Chefe de Estado deve ser um descendente da família imperial. Para este cargo, caberiam as funções diplomática e representativa da nação e do espírito patriota.

O primeiro na linha de sucessão é Luís Gastão de Orléans e Bragança, trineto de D. Pedro II e bisneto da princesa Isabel. Em seguida, vêm seus irmãos: Bertrand e Antônio. Na nova monarquia, o povo elegeria o Parlamento, exercido pelo poder legislativo, composto por senadores (câmara alta) e deputados federais (câmara baixa). O presidente Rodrigo Maia, da Câmara dos Deputados, viria a ser o primeiro-ministro, caso o modelo fosse aplicado ao cenário atual. O primeiro-ministro seria o presidente da câmara baixa.



## Formas e Sistemas de Governo

Há duas formas e dois sistemas de governo:

### **Monarquia:**

foram predominantemente absolutas, reuniam todos os poderes sob um monarca. Atualmente, o modelo é mais delimitado na diplomacia e representação da nação. Entretanto, o cargo continua vitalício e hereditário.

### **República:**

é baseada no voto direto. Todos os cargos são limitados por um período. O povo interfere na formação dos poderes Legislativo e Executivo.

### **Parlamentarismo:**

o Chefe do Governo é escolhido em um parlamento. O Primeiro Ministro é responsável pelo governo, seu cargo é por tempo indeterminado, porém não ilimitado. Além disso, pode ser demetido a qualquer momento pelos parlamentares ou Chefe de Estado.

### **Presidencialismo:**

o Executivo é escolhido por voto direto e deve assumir as chefias de Estado e de Governo. Neste sistema, é bem clara a distinção entre o Executivo e o Legislativo. Por isso, ocorre o processo de impeachment e não uma demissão, caso seja verificada a incompetência por parte do executivo.

**Semipresidencialismo:** o presidente é eleito pelo voto popular. Entretanto, ele terá as funções limitadas como Chefe de Estado. O chefe de governo, por sua vez, é representado pelo primeiro-ministro escolhido entre o Parlamento.

# ORIGENS

## Os desafios e as histórias de bastidores da revista



Créditos: Thaiané Muniz

A aluna Gabriela Mercaldi durante entrevista com o aposentado João Lopes

**A**caba de ser lançada a 6ª edição da revista Origens. Este novo volume traz matérias que mostram a atual situação da política brasileira, abordando temas como educação, saúde, transporte, religião e comportamento. As primeiras aulas, em fevereiro de 2018, foram destinadas ao planejamento e discussão de pautas. Para os alunos do 3º semestre de Jornalismo, produzir e participar desse projeto significou um grande desafio, pois além de estarmos ativamente envolvidos na criação dos layouts, nosso principal papel nesse projeto foi atuar como “porta-vozes” dos eleitores.

Na realização das entrevistas foi inevitável o surgimento de dificuldades em razão do cancelamento de horários, contato e busca por informações, mas o maior desafio do grupo foi entender e dissertar sobre o cenário político e os problemas enfrentados pela população, sobretudo na cidade de São Paulo.

Ao entrevistarmos os que outrora estavam entrevistando, pudemos perceber o avanço profissional e pessoal de cada um. Estar imersos na criação da revista nos fez ver a real demanda do mundo jornalístico, que apenas tinha sido comentado em aula e agora estava sendo

vivenciado. Luiz Carlos afirma: “Pude melhorar meu jeito de entrevistar, perdi mais a vergonha e pude melhorar, também, o meu texto”. Já para Rafaelle Pereira, foi “olhar para alguns assuntos de forma diferente”. Sabrina Alves traz que “deu um ar de maior responsabilidade”.

Foram muitos os momentos de estarmos com o cronograma apertado e os entrevistados surgirem com alteração de horário, ou aquela pessoa que traria uma ótima visão sobre determinado assunto não responder o e-mail ou até mesmo ter a agenda tão cheia que impossibilitava uma futura entrevista. Percebemos, também, que o meio no qual estamos sendo inseridos nos fazem, devido aos seus desafios, optar às vezes pelo plano B, C ou D, e assim até que a matéria esteja pronta e publicada.

Além dos obstáculos que ultrapassamos, houve os momentos de descontração e de prazer ao começar e terminar uma entrevista e perceber que as informações adquiridas seriam a chave para o desenrolar das matérias.

Para Hugo Jonas, que tem o desejo de trabalhar no segmento de revistas, “fazer parte da Origens é algo

muito prazeroso”. O estudante alega que esse contato com o impresso sempre esteve presente em sua vida, desde bem jovem. Outro ponto foi o entrevistar que, para ele, foi de suma importância para o crescimento pessoal e profissional.

Para todos, produzir a revista-laboratório do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco foi uma grande satisfação e prestígio. Porque executar essa tarefa, todos sabemos que não é fácil, ainda mais falar de um tema como “Eleições”, que traz em si tantas polêmicas e pensamentos distintos.

E nós tivemos essa comprovação: altos e baixos aconteceram, desavenças também. Entretanto o mais importante de tudo foi a união da sala, para deixar todas as matérias impecáveis. Um ajudou o outro em questão de entrevistados, temas, conteúdo, títulos, diagramação, cada passo foi um imenso desafio. Com tudo isso, conseguimos e esperamos ter atingido as expectativas de todos vocês, leitores.



